

Entrevistada: Dione Aparecida Evangelista Maia Fonseca

Entrevistadora: Silvana Carrera Fogaccia

Data: 6 de junho de 2024

Duração: 31 minutos e 11 segundos

Local: EMEI João Mendonça Falcão, Rua Coronel Mursa, 167 Brás. 03043-050 São Paulo - SP.

Silvana

Ãh... eu acho que já tá filmando

Dione

[Inaudível]

Silvana

Então... Só pra confirmar, tudo bem de gravar...

Dione

Sim, sim

Silvana

De filmar, tudo certo?

Dione

Sim

Silvana

Eu queria que você começasse se apresentando.

Dione

Meu nome é Dione, eu sou professora aqui da EMEI¹ João Mendonça Falcão desde 2016.

Ãh...O que mais você quer saber de mim [risos]?

Silvana

Hum.. Acho que um pouco da sua formação, como você chegou na docência...

Dione

Eu, desde sempre, eu amei crianças. Quando eu era criança, eu amava crianças menores e eu, como eu morava num lugar bem, bem, vulnerável, então tinha muito essa política das crianças um pouco maiores cuidarem das menores. Então eu estava cuidando de, das crianças. Não é, acho que desligou [aponta para a câmera].

Silvana

[Confere a câmera] Ah não, não desligou não, só apagou.

Dione

Ah, tá bom.

Silvana

Desculpa.

Dione

Imagina, é que eu achei que, que veio escuro...

Silvana

Ah não eu acho que tá... funcionando.

Dione

Não, [para pessoa atrás da câmera] [sorri]

E aí eu achava que ser professora era uma coisa que eu ia gostar, né? Aí eu lembro que, que eu falo isso, você deve ter escutado, quando eu saí do ginásio, que era ginásio antes, eu fui prestar o vestibular nesse projeto da escola pública para ser professora. E aí, quando eu passei e comecei a estudar período integral em outro bairro, num bairro, eu morava no Jabaquara e eu fui trabalhar, e fui estudar no Itaim Bibim, Bibi, era o CEFAM² do Itaim Bibi, então era uma outra realidade, né? O lugar, a escola. E aí lá foi muito claro para mim que não era só eu gostar de criança, né? Tinha uma responsabilidade social, tinha, era uma escolha política mesmo e ali a minha vida como pessoa começou a mudar muito,

muito assim. Minha trajetória pessoal e como estudante. Então eu passei a ver o mundo com muito mais clareza, com muito mais criticidade, com muitas reflexões e questionamentos. Mas, como toda jovem, eu queria transformar o mundo [risos], né? Eu acho que assim, eu sonhava muito nessa de mudar as coisas que eu achava que estavam, estavam erradas. Desde, eu tive consciência que eu vivia num lugar vulnerável, que eu pertencia a uma classe mais pobre, na escola, mas não como julgamento, como conhecimento. Nas aulas de história, de geografia, de língua portuguesa. Os professores também eram professores muito críticos e aí eu comecei a me descobrir nesse lugar, nessa e-scola. Então foi muito transformadora assim, transformadora, essa experiência.

Silvana

E como você chegou aqui, na EMEI?

Dione

Na EMEI? Eu sempre, depois que eu terminei a escola, eu queria retribuir tudo que eu aprendi e para isso eu tinha que estar no serviço público, né? Então, eu demorei pra entrar porque o primeiro concurso que eu prestei eu não passei. Mas aí a partir do segundo eu me dediquei muito. Demorou um tempo e veio o segundo, e aí nesse concurso eu passei, fiquei muito feliz [risos]. Era o meu sonho. E aí eu fui trabalhar no extremo da zona Sul, bem longe, bem longe, bem longe. Eu demorava muito tempo para chegar e era um lugar assim muito vulnerável, muito mesmo. As pessoas eram, assim, tinham muitas dificuldades financeiras e eu fui trabalhar num CEU. Você sabe o que é um CEU³?

Silvana

É... putz, eu não lembro agora

Dione

Então, o CEU é uma escola, assim, tem vários equipamentos, tem a EMEI, tem o CEI⁴, CEI é para creche das crianças pequenas, tem junto com a EMEI, que a educação infantil,

como aqui, e tem o ensino fundamental, né? O Centro de Educação Unificado. Então o espaço é muito legal, tem piscina, tem teatro, então é um equipamento público maravilhoso e era o que era mais bonito no lugar, era esse CEU. E eu achei que eu ia embora logo, que eu ia conseguir sair de lá logo. Mas eu fiquei por seis anos lá, eu acho. E lá eu aprendi muito sobre a educação pública. Eu aprendi muito com a comunidade, com as crianças. Então eu fui, me transformei assim bastante nessa experiência que eu tive lá, nesse meu primeiro lugar, né? E aí eu me caso e eu tenho, e eu venho morar na Zona Leste. Então ia ficar muito difícil. E aí eu pedi, a gente tem na prefeitura a possibilidade de se remover anualmente, que é mudar de escola. E aí eu consegui vir pra cá. Foi em 2016.

Silvana

2016?

Dione

É.

Silvana

Que bom. Você fala bastante, na live “Diálogos, educação e território”⁵ sobre a sua mãe, que ela migrou aqui para São Paulo, você fala bastante sobre o ponto de vista dela, você acha que você se sente confortável de falar um pouco sobre como você se sentiu, como foi a experiência...

Dione

Pera aí que... como tá um barulho, e a máscara... eu não sei....

Silvana

Você prefere que eu tire?

Dione

Você que sabe, eu quero que você fique confortável!

Silvana

[tira a máscara] Assim fica melhor, não fica? Desculpa, é que eu vim...

Dione

Não! Mas se você quiser ficar de máscara, não tem problema é que as crianças lá, o metrô, e aí, abafando, eu não estava entendendo...

Silvana

Não, desculpa.

Dione

Imagina!

Silvana,

Você falou sobre a sua mãe, que migrou para cá, eu queria saber se você se sentiria confortável de contar como foi para você vir pra cá...

Dione

Então, quando eu vim pra cá, eu era muito criança, tinha dois anos, então eu, eu nem me recordo muito como que foi para Dione criança. As minhas memórias são baseadas no que minha mãe conta.

Silvana

Entendi

Dione

Então do que ela conta, que ela me contou, eu acabo passando pras pessoas. E não porque ela conta porque ela queria que eu soubesse, que falar de tudo isso pra ela é muito difícil. É que eu sempre fui essa criança, pessoa muito curiosa e muito crítica. Então eu fazia ela me contar, eu queria, eu sempre tive curiosidade mesmo de saber da história, desde muito pequena e principalmente, por que eu não tinha um pai. Eu sempre questionava o meu pai. E a minha mãe falava, sempre falava, “Filha, seu pai te ama, mas ele não pode estar aqui”. Ela não me contava e eu na minha cabeça criança, eu pensava: “Se ele me ama, por que não está comigo”, né? Então era muito complexo isso pra mim. E aí eu voltava a pergunta pra ela: “Mãe, onde está meu pai?”, e aí ela falava: “Ele tá em Minas, ele tem outra família agora, mas se você quiser conhecer, eu posso levar você pra conhecer seu pai”. Ela sempre falava isso, mas nunca falava mal dele. Ela não queria que eu tivesse essa recordação. E aí, conforme eu cresço eu quero saber mais. Daí, eu com mais argumentos, eu consigo fazer com que ela fale. Então teve esse movimento, assim, ela falava algumas coisas, que foram importantes por saber e me identificar, mas, só pra você ter uma ideia, quando eu era criança, eu era acho que uma das poucas crianças que não tinha o nome do pai. E aí eu ficava inventando nome pra mim. Eu colocava meu nome, o nome de, de outras.. tipo Pereira, Silva, todo nome, sobrenome que eu achava diferente eu colocava junto com o meu e eu escrevia: Dione Pereira e aí ia aumentando meu nome. E a coisa dos símbolos, como que isso era forte, né? Você se sentir diferente das outras crianças. Então tinha, desde a chamada que eu não tinha, que a professora falava o nome inteiro e não tinha o nome do meu pai, e ela perguntava por que eu não tinha pai. Daquelas benditas festas, datas comemorativas, que tinha que fazer um presente pro pai, aí eu falava pra professora: “Professora, eu não tenho pai”. Aí ela falava: “Então dá pra alguém” tipo assim, que hoje eu sou uma defensora da não data comemorativa, porque é um desrespeito às crianças, né? Uma violência, porque elas, crianças que não têm mãe, crianças que não têm pai, crianças que têm uma formação diferente de família, têm duas mães, têm dois pais, criança que vive com a avó, criança que é órfão, que não tem nenhum, nenhum, nem pai, nem mãe. Então a gente vai, eu comecei a entender isso também quando

eu vim para a prefeitura, porque lá na Zona Sul eles já estavam discutindo isso, essas questões, né? Então eu fui me constituindo, pensar, aí eu comecei a lembrar da Dione, que a Dione sofria demais, a Dione chorava nas datas comemorativas. Então era uma violência ter que desenhar, fazer um desenho para um pai que eu não tinha.

Não sei se eu tô falando... tô dentro do..

Silvana

Imagina!

Dione

[risos]

Silvana

Fala o que você quiser, de verdade, não se preocupa. É... como é seu dia-a-dia aqui?

Dione

Então eu entro aqui às 7 da manhã, aí eu recebo as crianças, a gente faz uma roda de conversa, a gente canta, a gente tem um chamamento pra roda, que é o momento que eu digo pras crianças através da percussão, que a gente precisa estar presente, porque como as crianças estão muito no celular, então, elas se, eu percebo, agora nem tanto que o grupo tá bem bacana, já estão adaptados. Mas no começo se dispersava muito, sabe? Não tinha, sabe, elas não estavam presentes, elas estavam muito ausentes, né? E aí surgiu, né? O projeto. É bacana assim que a criança exige da gente um olhar o tempo todo, um olhar bem sensível, um olhar afinado para elas, né? Então aí eu comecei a ter essa ideia de fazer essa percussão como um chamamento mesmo. “Olha, agora a gente vai sentar, a gente vai ficar junto, a gente vai conversar, a gente vai se olhar, a gente vai prestar atenção no outro”. E aí super funcionou, né? E aí quando um se distrai, a gente chama de novo, né? “Olha, a gente está aqui” e eu vejo assim, que a nossa rotina um esse começo assim, bem acolhedor, de cantar, de sentar, de falar do dia, perguntar se eles estão bem, se tem alguma

coisa que eles querem compartilhar com a gente, se tá triste. E aí a gente faz esse momento e depois as crianças descem. Aqui, a gente tem um café da manhã autônomo, as crianças descem se elas estão com fome, à medida que elas ficam com fome, elas vão descendo para o lanche. E aí, quando todo mundo volta, a gente organiza, e nesse, nas descidas, quem fica na sala e quem deve tomar café da manhã, eles ficam brincando. Então a gente faz cantinhos, as crianças brincam. Aí quando todo mundo volta, a gente tem uma música que é pra dizer que agora é hora de arrumar a sala, que é uma música, não sei se você conhece, do “Meu querido Paiol”?

Silvana

Ãh... não conheço.

Dione

Que fala né? “Meu querido Paiol, meu querido” [cantando] sabe que qual é? Então, aí a gente, é essa música que as crianças escolheram, ano passado era outra, esse ano é essa..

Silvana

Eles que escolhem?

Dione

É, e aí que aí a gente arruma, que eu falo pra elas: “Você tá escutando a música? Tá dizendo que, é o que é esse paiol?” É o lugar que elas moram, tem que estar arrumado, tem que estar organizado, e aí eu falo pra eles: “Eu não quero ficar chamando vocês, falta isso, falta aquilo, vamo lá, nã,nã,nã, vocês têm essa autonomia de arrumar, de cuidar do que nosso, né? Então, se você brincou, você tem que participar da arrumação”. No começo foi mais difícil, mas agora elas estão umas graças. E aí depois disso, a gente... ou eu venho pro jardim contar uma história, que a gente esse ano, começou um projeto, que é ler todos os dias, em todos os lugares. E aí, além do incentivo à leitura, é que a gente possa se comunicar, se conectar também com o nosso território, então a gente sai e vai ler

na rua, vai ler andando, vai ler em pé. Uma, essa proposta surgiu esse ano, né? E tem dado certo. Eu achei que as crianças iam tá [gesticula, indicando dispersão] não, elas ficam super concentradas e é para dizer para as pessoas que estão passando que elas também podem parar para ouvir a história e também pra elas sentirem que, que a gente pode ler em qualquer lugar, né? Então tem sido bom, é uma, está sendo uma experiência. A gente já foi três vezes e tem dado certo.

Silvana

Que legal!

Dione

É!

Silvana

Muito legal!

Dione

E aí a gente vai, porque aí quando elas estiverem bem seguras aqui, que eu ver que elas estão super concentradas na leitura, aí eu quero ir para o metrô, para ler ali perto da, da escada rolante ou lá em cima, em algum lugar que tenha bastante visibilidade. Que as pessoas também percebiam esse movimento da leitura e quem sabe alguém se interesse, né? Queira também ler, né? Então é isso, essa conexão, mas também é para a gente questionar, que as pessoas precisam ler, né? E eu acho que é isso, as crianças e os adultos têm poucas oportunidades ou tiveram. Eu, por exemplo, lembro que eu fui gostar de ler e como eu falo até no podcast⁶, já adolescente, devia ter 15, 16 anos. É muito tempo! Olha quanto tempo eu perdi, sem a leitura. Eu fui resgatada ali, mas poderia ser que não, né? E eu acredito muito que essas crianças tenham acesso a uma boa literatura, a coisa da rotina, né? Que leitura, você gosta de ler, é hábito, não é? A gente faz todo dia uma leitura. Então a ideia é essa. Então a gente faz isso, depois tem a proposta de uma ação educativa,

que pode ser uma pintura, pode ser um registro gráfico, pode ser um recorte, colagem. Depende do que a gente planejou pro dia. E aí mais ou menos nesse horário já tá perto do almoço, né? As crianças vão almoçar, aí depois elas vão brin... a gente faz a escovação após todas as refeições, que é uma coisa que eu só fazia, no passado, depois do almoço e eu percebi que esse ano as crianças estão com os dentes muito cariados, né? Então eu achei que é importante ter esse outro cuidado, também no café, após o café e depois do almoço, também é um hábito. Então é importante que elas, e elas sentem falta, né? Eu falo: “Não sou eu tenho que lembrar, vocês, são os dentes de vocês, né? Esse cuidado que vocês têm que ter”. E aí depois a gente vem pro parque e já chega a hora de ir embora. Mas cada dia é uma rotina diferente. Tem dias que tem a Roda da criança⁷, tem dias que tem a Roda da Família⁸, tem dias que tem passeio pelo território, que a gente sai pelo bairro... Outro dia, a gente pegou, foi uma inspiração, foi até inspirado numa professora, a professora Lívia Arruda, que ela tem um projeto bem bacana sobre andar com as motocas no Centro, lá na Praça da República. E um dia eu a conheci numa, num aniversário e eu falei: “Aí, fiquei com vontade de fazer isso com as crianças”. E aí a gente saiu de motoca aqui pelo bairro e foi muito legal, motoca e patinete, foi muito lindo, muito lindo. E as crianças amaram. Uma criança virou assim no meio, estava lá pedalando e falou assim “IUPEEE Hoje é o dia mais legal, é o melhor passeio de todos os tempos!” [Risos] Então cada dia é uma rotina diferente, a gente não faz as mesmas coisas todos os dias.

Silvana

E, você falou das artes visuais, você falou das artes de modo geral assim, que você... é... usa bastante elas aqui. Eu queria saber, é, como você vê a importância dessas artes no acolhimento das crianças?

Dione

Ah, eu acho que sem arte a gente ia ter um mundo muito infeliz, né? Eu acho que a arte ela, ela também é uma forma das crianças se libertarem, de criarem, de prosperarem assim intelectualmente, de, de ver o mundo de uma forma diferente. É um momento também que traz muito prazer para elas, né? Eu acho que ela tem que estar presente em tudo, né?

Então aqui a gente se preocupa com esse acolhimento estético, né? Sempre, que seja num quadro, que seja numa frase, num desenho, você pode perceber que tem, né? Tem bastante desenhos, tem, eu acho que é muito importante e principalmente quando a gente tem esse acesso. Então a gente trabalha, aqui as crianças muito, com tinta, com vários materiais que elas tenham acesso, a argila, que elas possam criar. Então eu percebo assim, que algumas crianças que foram privadas disso, elas me perguntam o que elas podem desenhar, que cor que elas podem desenhar, o que elas podem fazer. “Eu posso fazer um dinossauro? Você deixa?” Aí eu falo: “Você pode fazer tudo o que você quiser, desenhar o que você quiser, do jeito que você, se você quiser desenhar um sol colorido, você pode. Se você quiser desenhar o céu verde, você pode”. Então é, mas demora um tempo. É impressionante como pequenas violências, porque eu acho que isso é uma violência você podar a criatividade da criança, demora para a criança se desprender disso. Esse ano eu recebi uma criança, quando você dá tinta, a criança quer pintar, ele não queria. E eu falei: “Mas por que você não quer desenhar?” “Porque eu sou burro, minha professora falava isso”.

Silvana

Nossa...

Dione

Então, para você ter uma ideia, essa criança, foram semanas que eu tive que trabalhar em cima dele para ele voltar, daí ele conseguir desenhar e mesmo assim, nesse processo ele falava: “Você acha que eu desenhei bem?” Eu falei que “você desenhava maravilhoso, é o seu desenho, a sua produção. Você tem que valorizar o que você faz”.

Silvana

E a música também é muito importante, né?

Dione

Sim, a música, muito. A música é vida, né? Eu acho que a música, ela traz alegria, ela traz relaxamento, ela traz reflexão também. E as crianças terem acesso às músicas que elas não têm em casa. Eu acho que a escola tem esse papel, trazer um repertório novo, diferente, né? Múltiplo, de diferentes culturas. Com certeza, as crianças que vão ter esse contato, né? Com músicas de culturas diferentes, com artes, artistas diferentes que sejam do Brasil, mas que também sejam de outros países. Ter contato com crianças de diferentes culturas também. Acho que tudo isso ajuda a criança, vai ajudar a criança a ser um adulto menos preconceituoso, com a mente mais aberta e, né? Expandir a visão de mundo, vai ser um adulto mais crítico. Então sempre quero, sempre penso, que se a gente cuidar do hoje, o futuro vai ser muito melhor, né? Para essas crianças.

Silvana

Deixa eu ver como a gente está de tempo...É... Eu queria te perguntar, você fala que, no podcast Vozes da Mochila...

Dione

Isso.

Silvana

Que você fala que o maior desafio é fazer com que as crianças se sintam seguras, aqui, é... como que vocês, é.... Lidam com esse desafio? Quais práticas que ajudam?

Dione

Então eu acho que a criança, ela é muito afetiva desde sempre, assim, né? Você, eu vejo assim, às vezes, é que você não, não veio na turma que eu passo mais tempo que a turma da manhã. Mas se você chegar lá hoje, o que eles vão fazer com você? Eles vão correr e vão te abraçar mesmo sem te conhecer. E por que eles fazem isso? Porque eles tiveram essa relação aqui de muito acolhimento. Então, quando uma criança chora, eu acho que eu falei isso em um podcast, né? Que assim, que quando a criança, mesmo uma criança

que não fale português, mas se a gente tá olhando para ela, a gente está com ela, a gente se envolve com ela, está presente com ela, e isso no cotidiano, né? Hoje eu olhei para você, segurei sua mão, te abracei, amanhã eu vou te olhar de novo, eu vou cuidar de você, eu vou dizer para você que você pode chorar, que eu sei, eu sei, eu imagino, o quanto você queria estar em casa, com a sua família, mas também sei que aqui você vai aproveitar. E aí no outro dia, no terceiro dia, no quarto, criando esse vínculo com a criança, isso vai fazendo com que a criança confie na gente, né? Tipo, no dia que eu chorei, a professora me abraçou, no dia que eu chorei, a professora segurou a minha mão, no dia que eu chorei, a professora encostou a minha cabeça no ombro dela e isso vai criando uma relação de cumplicidade com a criança, né? De respeito. E eu sempre falo, até as mães falam sempre pra gente: “Prô, eu nunca pensei nisso”, que quando a gente está com um amigo e o amigo está chorando, você vai falar para ele parar de chorar? Um adulto? Por que fala isso para criança? Por que a criança não tem o direito de chorar? Então, aqui que elas possam expressar os sentimentos delas, né? Eu já falei, já fui essa professora que falou “Aí...amanhã você promete que para de chorar?” Mas hoje não, porque hoje eu sei que o choro faz parte da vida, da nossa existência e da nossa construção, né? Que é uma forma de comunicação também de expressão, que muitas vezes não é respeitada. As crianças sempre têm que parar de chorar. Por quê? Elas não podem chorar? E aí as famílias, quando a gente conversa, elas pensam e falam: “Nossa, faz todo sentido, pô!” Que é uma violência, se você, né?

Silvana:

Eu posso te fazer uma última pergunta?

Dione

Meu bem, eu tô pensando aqui, hoje eu tenho um monte de coisa para fazer, e você veio, não sei de onde, de onde você veio?

Silvana

Eu vim de Santana

Dione

Então, você veio de longe, vamos terminar, aí eu fico hoje e depois eu...

Silvana

Tá bom, essa aqui é a última...

Dione

Não! Pode fazer as perguntas que você... [aponta para o roteiro]

Silvana

Não, não se preocupa, isso era só um roteiro assim... Eu queria te perguntar, se você podia me contar uma, você fala muito que você...

[Câmera desliga]

Dione

Quer ligar?

[Silvana liga a câmera]

Silvana

Desculpa.

Dione

Imagina.

Silvana

É...

[Câmera desliga novamente]

Silvana

Vish, bom, tudo bem, tá gravando aqui [aponta para o celular]

Dione

Ah, tá bom.

Silvana

[inaudível] Você falou que você aprende muito com as crianças aqui, eu queria saber se você poderia compartilhar uma coisa que você aprendeu com elas...

Dione

Aí Meu Deus! São tantas! As crianças são muito generosas, né? Então, por exemplo, se uma criança, não sei se eu contei isso, mas assim, se uma tá chorando, tá triste, o que as crianças fazem? O que você acha que as crianças fazem?

Silvana

Elas... vão... falar com alguém?

Dione

Elas vão abraçar uma criança que está chorando! Elas vão cuidar, elas vão acariciar, elas vão perguntar o que é a criança, e aí, quando a criança não consegue, que está chorando, e ela não consegue dizer, elas me chamam e falam: “Prô, faz alguma coisa!” Mas na verdade, quem está fazendo tudo são elas. Então isso é um grande aprendizado para mim, né? Porque deveria ser assim sempre. Então as crianças, elas já, desde pequenas elas são assim. É muito difícil, quando uma outra criança está em sofrimento, eles estarem brincando alheios. Eles param a brincadeira, o divertimento deles, para acudir a criança que está chorando. Então, isso para mim é um grande ensinamento, né? De empatia, de compaixão, de interesse, de respeito, né? Às vezes elas ficam abraçadas assim até eu chegar, todas elas, junta bolinho de criança, todo mundo abraçado na criança. A criança que chora, ela até descansa, assim, ela até, ela vai se aconchegando nesse... nesse lugar de afeto. Então é um, um grande ensinamento assim, para mim, pra não esquecer essas imagens do cotidiano infantil. E tipo outro dia a gente estava aqui nesse parque e aí eu vi as crianças deitarem no chão e aí tavam lá e eu falei: “O que vocês estão fazendo?” “Prô! Olha para o céu! Olha para o céu!” e aí, olho o céu e tá lindo, uma coisa assim espetacular. E eu: “Gente, eu não tinha olhado para o céu!” [risos] Né? Olha isso! Então eu aprendo com elas o tempo todo, né? Tipo esse olhar admirador que elas têm pelas coisas, pelas pequenas coisas. Então elas me lembram disso. Aquele dia do céu. Eu até postei no Instagram a imagem do céu que elas estavam olhando e apaixonadas, tipo todas deitadas no chão olhando pro céu. E às vezes eu esqueço de olhar para o céu.

Silvana

Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Dione

A não sei, se você quiser... o seu roteiro, perguntar...

Silvana

Acho que os principais...

Dione

Não, mas pode perguntar. Eu já, já desencanei do que eu ia fazer, eu faço amanhã, não tem problema.

Silvana

Não, de verdade, as perguntas que eu queria fazer eu fiz, não se preocupa, e eu sou muito grata de verdade.

Dione

Ah, imagina, espero que eu tenha correspondido com o que você esperava...

Silvana

Claro que correspondeu, você fala muito bem, e sempre coisas muito bonitas.

Dione

Obrigada.

Silvana

Muito obrigada mesmo.

Dione

Mas é isso, acho que a infância, ela traz esse lugar, a professora, é, Mônica Pinazzo falou, né, para eu falar o que quer docência para mim, falar para vocês⁹. Só que não deu tempo, né? Era tanta coisa para falar. E aí eu fiquei pensando que a docência para mim e aí eu ia

falar para vocês, mas eu, não deu tempo. Para mim a docência, ela é a arte do encantamento. Eu me encantar e de encantar as crianças e não é uma tarefa fácil isso, né? Você está encantada porque a gente tem aqui na escola muitos desafios e são inúmeros mesmo, né? Mas eu fico pensando que vale a pena. Vale a pena esse lugar que eu escolhi para trabalhar, estar com as crianças, vale a pena a gente sonhar com elas. A gente tem um motivo, um sonho, né? Porque eu fiquei pensando por que eu entrei aqui, né? Com esse sonho de transformar o mundo, eu sei que eu não vou transformar, mas se, eu durante o ano, eu conseguir ajudar a colaborar para um mundo melhor para elas, já é um ganho imenso para mim, né? E eu lembro que eu tenho uma amiga, a Rebeca, que ela falou, que eu estava me queixando e ela fala assim: “Dione, as crianças têm um ano inteiro fazendo essas experiências lindas, então vale muito a pena!” E eu fui pensando: Nossa, é isso né?

Silvana

Você muda o mundo delas, né?

Dione

E elas mudam o meu, também [risos]

Silvana

Dione, muito obrigada.

Dione

Ah, magina.

Silvana

Foi muito [inaudível]

Dione

Se você precisar de alguma coisa me fala, tá?

Silvana

Pode deixar, viu? Muito obrigada! Vou desligar a gravação

¹Escola Municipal de Educação Infantil

²Centros Específicos de Formação e Magistério

³Centros Educacionais Unificados

⁴Centro de Educação Infantil

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wYCEho2tPho>, acesso em 12/06/2024

⁶Podcast Vozes que carrego na mochila, episódio 3 - Uma pausa para olhar para dentro, 05 de janeiro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nvV6-rhdaCg>, Acesso 12/06/2024

⁷ ⁸Atividades durante as quais crianças ou suas famílias são chamadas para contar suas histórias, compartilhar brincadeiras, músicas e memórias. O objetivo dessas atividades é colocar a criança ou familiar como protagonista de sua história

⁹ A professora se refere aqui à sua apresentação como convidada durante uma das aulas do curso de Didática ministrado pela professora Mônica Pinazzo no primeiro semestre de 2024, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo FEUSP.